

TRADUÇÃO

Dissertação sobre as paixões

David Hume

Tradução:^{*}
Jaimir Conte

Seção 1

/121/ 1. Alguns objetos produzem imediatamente uma sensação agradável por causa da estrutura original de nossos órgãos, e, por isso, são denominados BONS; enquanto que outros, por causa de sua imediata sensação desagradável, são chamados de MAUS. Assim, o calor moderado é agradável e bom; o calor excessivo doloroso e mau.

Alguns objetos, porém, por serem naturalmente conformes ou contrários à paixão, provocam uma sensação agradável ou dolorosa, e, por isso, são chamados de *bons* ou *maus*. O castigo de um adversário, ao satisfazer o desejo de vingança, é bom; a enfermidade de um companheiro, ao afetar a amizade, é má.

/122/ 2. Todo bem ou mal, onde quer que surja, produz diversas paixões e afetos, de acordo com a perspectiva segundo a qual é contemplado.

^{*}Tradução realizada com base nas seguintes edições: 1. *Four Dissertations*/David Hume, edited by John Immerwahr. (Facsimile da edição de 1757 publicada por A. Millar, Thoemmes Press, 1995); 2. *A Dissertation on the passions; The natural history of religion: a critical edition*/David Hume; edited by Tom L. Beauchamp. (The Clarendon Edition of the Works of David Hume. Oxford: Oxford University Press, 2007); 3. *The Complete Works of David Hume*. 1882-1886, edited by Green T.H. & Grose, T. H. (Edição eletrônica in CD-ROM, Série "Past Masters". Charlottesville: IntelLex Corporation, 1992). A paginação entre // corresponde à paginação da edição de 1757, reproduzida na edição da Thoemmes Press, 1995, editada por John Immerwahr.

Quando um bem é certo ou muito provável, ele produz ALEGRIA. Quando um mal se encontra na mesma situação, surge a TRISTEZA ou o PESAR.

Se tanto o bem como o mal são incertos, dão origem ao MEDO ou a ESPERANÇA, segundo o grau de incerteza esteja de um lado ou de outro.

Do bem considerado em si mesmo surge o DESEJO, e do mal, a AVERSÃO. A VONTADE se exerce quando a presença do bem ou a ausência do mal podem ser alcançados por meio de alguma ação da mente ou do corpo.

3. Nenhuma dessas paixões parece encerrar alguma coisa curiosa ou digna de nota, exceto a *esperança* e o *medo*, que, por derivar-se da probabilidade de um bem ou mal qualquer, são paixões mistas que merecem nossa atenção.

/123/ A probabilidade nasce de uma oposição de possibilidades ou de causas contrárias, o que não permite que a mente se decida por um dos lados, senão que é incessantemente movida de um para outro, e induzida num momento a considerar um objeto como existente, e num momento distinto como o contrário. A imaginação ou o entendimento, chame-se como se quiser, oscila entre os pontos de vista opostos e, ainda que talvez se incline mais frequentemente para um lado do que para o outro é impossível, devido a oposição de causas ou possibilidades, que repouse em algum deles. Os *prós* e *contras* da questão prevalecem alternadamente, e a mente, ao contemplar os objetos à luz de causas opostas, encontra tal contraposição que destrói toda certeza ou opinião estabelecida.

Suponhamos, pois, que o objeto a respeito do qual temos dúvidas produz desejo ou aversão; é evidente que, segundo a mente se volte para um lado ou para outro, deverá sentir uma impressão momentânea de alegria ou de pesar. Um objeto cuja existência nós desejamos proporciona satisfação quando pensamos naquelas causas que o produzem e, pela mesma razão, suscita tristeza ou desagrado a partir da consideração oposta. Assim, da mesma maneira que o entendimento, /124/ em questões prováveis, se encontra dividido entre os pontos de vista contrários, o coração há de encontrar-se dividido entre emoções opostas.

Assim sendo, se considerarmos a mente humana, observaremos que, no que diz respeito às paixões, ela não é similar a um instrumento de sopro, que, na execução de todas as notas, imediatamente deixa de produzir som

quando cessa o sopro, mas antes se parece mais com um instrumento de cordas, no qual, depois de cada toque, as vibrações continuam mantendo algum som, que, gradual e insensivelmente diminui. A imaginação é extremamente rápida e ágil, mas as paixões, se comparadas, são lentas e obstinadas. Por esta razão, quando se apresenta algum objeto que oferece uma variedade de perspectivas a uma e emoções às outras, ainda que a imaginação possa mudar sua perspectiva com grande celeridade, cada toque não produzirá uma nota-paixão clara e distinta, mas uma paixão se encontrará sempre misturada e confundida com outra. Segundo a probabilidade se incline para o bem ou para o mal, predominará na composição a paixão da tristeza ou da alegria. E essas paixões, ao estarem misturadas por meio das /125/ perspectivas contrárias da imaginação, produzem por meio dessa união as paixões da esperança ou do medo.

4. Como esta teoria parece conter em si mesma sua própria evidência, seremos mais breves em nossas provas.

As paixões do medo e da esperança podem nascer quando as possibilidades são iguais para os dois lados, e não se pode descobrir nenhuma vantagem de um sobre o outro. Mais ainda, nesta situação as paixões são as mais fortes, já que a mente tem menos base para repousar, e se vê agitada pela maior incerteza. Adicione-se um grau maior de probabilidade do lado da tristeza, e imediatamente se verá que essa paixão se difunde por toda composição e a tinge com as cores do medo. Aumente-se a probabilidade e, por conseguinte a tristeza, e o medo prevalecerá cada vez mais até que ao final se transforme insensivelmente, à medida que diminui continuamente a alegria, em pura tristeza. Uma vez que se chegue a esta situação, diminua-se a tristeza por uma operação contrária àquela pela qual ela foi aumentada, ou seja, diminuindo a probabilidade do lado da melancolia, e se verá como a paixão se aclara a cada momento, até que ela se converta insensivelmente em /126/ esperança, a qual se converte novamente, aos poucos, em alegria, à medida que se aumenta essa parte da composição por um aumento da probabilidade. Não constituem essas coisas provas evidentes de que as paixões do medo e da esperança são misturas de tristeza e de alegria, do mesmo modo que em óptica constitui uma prova de que um raio colorido de sol é um composto de outros dois que, passando através de um prisma, à medida que se diminui ou aumenta a quantidade de

cada um deles, descobre-se que predomina proporcionalmente, mais ou menos, na composição?

5. Existem dois tipos de probabilidades: quando o objeto é em si mesmo incerto, e necessita ser determinado pelo acaso, ou quando, embora o objeto já seja certo, continua sendo incerto para o nosso juízo, que encontra várias provas e faz várias suposições em favor de cada aspecto da questão. Essas duas classes de probabilidades ocasionam medo e esperança, o que deve proceder dessa propriedade em que coincidem, ou seja, a incerteza e a instabilidade que proporcionam à paixão, por essa contraposição de perspectivas que é comum a ambas.

/127/ 6. O que comumente causa esperança ou medo é um bem ou um mal prováveis, porque a probabilidade, ao produzir uma perspectiva inconstante e cambiante de um objeto, produz naturalmente uma similar mistura e incerteza das paixões. Mas podemos observar que, por mais que essa mistura possa ser produzida por outras causas, aparecerão as paixões do medo e da esperança, ainda que não haja probabilidade alguma.

Um mal, concebido como apenas *possível*, às vezes produz medo, especialmente se o mal for muito grande. Um homem não pode pensar na dor e tortura extremas sem tremer, se ele corre o menor risco de padecê-las. A pouca probabilidade é compensada pela grandeza do mal.

Mas até os males *impossíveis* produzem medo, como quando trememos à beira de um precipício, embora saibamos que estamos perfeitamente seguros, e que depende de nossa escolha dar um passo adiante. A presença imediata do mal influencia a imaginação e produz uma espécie de crença, mas opondo-se a ela a reflexão sobre a nossa segurança, essa crença é /128/ imediatamente rechaçada, e produz o mesmo tipo de paixão que quando, devido a uma oposição de possibilidades, se produzem paixões contrárias.

Os males que são *certos* algumas vezes têm o mesmo efeito que os possíveis ou os impossíveis. Um homem em uma prisão segura, sem o menor meio de escapar, treme ante a ideia do potro, ao qual ele está condenado. Aqui o mal é em si mesmo fixo, mas a mente não tem coragem de fixar-se nele, e essa flutuação dá lugar a uma paixão de aparência semelhante ao medo.

7. Mas o medo ou a esperança aparecem não somente quando o bem ou o mal são incertos em relação à sua *existência*, mas também em

relação à sua *espécie*. Se se dissesse a alguém que um dos seus filhos foi repentinamente morto, a paixão ocasionada por este acontecimento não se converteria em tristeza até que ele obtivesse certas informações sobre qual dos seus filhos ele havia perdido. Embora cada aspecto da questão produza aqui a mesma paixão, essa paixão não pode fixar-se, senão que recebe da imaginação, que é variável, um movimento trêmulo e inconstante, semelhante à mistura e combate entre a tristeza e a alegria.

/129/ 8. Assim, todos os tipos de incerteza têm uma forte conexão com o medo, mesmo que não produzam nenhuma oposição de paixões, mediante as perspectivas opostas que nos apresentam. Se me afastasse de um amigo doente, me preocuparia mais com sua situação do que se estivesse presente, embora, talvez, eu não fosse apenas incapaz de lhe dar assistência, mas também de avaliar a sua doença. Há milhares de pequenas circunstâncias sobre sua situação e condição que desejaria conhecer, e o conhecimento delas impediria esta flutuação e incerteza tão intimamente unidas ao medo. HORÁCIO assinalou este fenômeno.

*Ut assidens implumibus pullis avis
Serpentum allapsus timet,
Magis relictis; non, ut adsit, auxili
Latura plus praesentibus.*¹

Uma virgem em sua noite de núpcias vai para a cama cheia de medo e apreensão, embora ela não espere nada mais do que prazer. A confusão de desejos e alegrias, a novidade e a grandeza do evento desconhecido, confundem de tal modo a mente que ela não sabe em que imagem ou paixão fixar-se.

/130/ 9. No que diz respeito à mistura de afetos, podemos observar que, em geral, quando nascem paixões contrárias de objetos não conectados entre si de modo algum, estas tem lugar alternadamente. Assim, quando um homem se encontra magoado pela perda de um processo, e alegre pelo nascimento de um filho, a mente, que passa do objeto agradável para o objeto calamitoso, qualquer que seja a celeridade com que possa realizar este

¹ HORÁCIO, *Epodos*, livro I, versos 19-22: “Tal como a ave que cuida de seus filhotes implumes teme mais o ataque sorrateiro das serpentes quando ela os deixa; embora se estivesse presente pouco poderia lhes auxiliar”.

movimento, apenas pode moderar um afeto com outro, e permanece entre eles num estado de indiferença.

Esta situação tranquila se alcança mais facilmente quando o *mesmo* evento é de natureza mista e contém algo adverso e algo favorável em suas diferentes circunstâncias. Porque, neste caso, ambas as paixões, misturando-se uma à outra por meio da relação, tornam-se muitas vezes mutuamente destrutivas e deixam a mente em perfeita tranquilidade.

Mas suponhamos que o objeto não é um composto de bem e mal, senão que é considerado como provável ou improvável em algum grau. Nesse caso as paixões contrárias estarão ambas presentes ao mesmo tempo na alma, e em vez de /131/ equilibrar-se e moderar-se uma à outra, subsistirão juntas, e mediante sua união produzirão uma terceira impressão ou afeto, tal como a esperança ou o medo.

A influência das relações de ideias (que explicaremos mais detalhadamente depois) se vê claramente neste caso. No caso de paixões contrárias, se os objetos são *totalmente diferentes*, as paixões se parecem a dois licores contrários em garrafas diferentes que não têm nenhuma influência um sobre o outro. Se os objetos estão intimamente *conectados*, as paixões são como um *alcalino* e um *ácido* que, se são misturados, se destroem. Se a relação é mais imperfeita, e consiste em perspectivas *contrárias* do *mesmo* objeto, as paixões são como o azeite e o vinagre, que, apesar de misturados, nunca se unem e integram perfeitamente.

O efeito de uma mistura de paixões em que uma delas é predominante e submete a outra será explicado mais adiante.

Seção 2

/132/ 1. Além dessas paixões já mencionadas, que nascem de uma busca direta do bem e de uma aversão ao mal, há outras que tem uma natureza mais complicada e envolvem mais do que uma inspeção ou consideração. Assim, o *orgulho* consiste numa determinada satisfação com nós mesmos, por causa de algum talento ou posse de que desfrutamos. A *humildade*, por outro lado, é uma insatisfação com nós mesmos, por causa de algum defeito ou fraqueza.

O *amor* ou a *amizade* é uma complacência diante do outro, em virtude de seus talentos ou favores. O *ódio* é o contrário.

2. Nestes dois conjuntos de paixão há de se fazer uma óbvia distinção entre o *objeto* da paixão e sua *causa*. O objeto do orgulho e da humildade é o “eu”. A causa da paixão é alguma excelência no primeiro caso, algum defeito no segundo. O objeto do amor e do ódio é alguma outra pessoa. As causas, /133/ da mesma maneira, são excelências ou defeitos.

No que diz respeito a todas essas paixões, as causas são aquilo que desperta a emoção; o objeto é aquilo para o qual a mente dirige sua visão quando a emoção é despertada. Nosso mérito, por exemplo, suscita orgulho, e é essencial para o orgulho voltar nossa visão sobre nós mesmos com complacência e satisfação.

Ora, como as causas dessas paixões são muito numerosas e diversas, embora seu objeto seja uniforme e simples, pode ser um assunto curioso considerar qual é a circunstância em que todas essas diversas causas coincidem, ou, em outras palavras, qual é a verdadeira causa eficiente da paixão. Começaremos pelo orgulho e a humildade.

3. A fim de explicar as causas dessas paixões devemos refletir sobre certos princípios que, embora tenham uma poderosa influência sobre qualquer operação, tanto do entendimento como das paixões, os filósofos normalmente não insistem muitos sobre eles. O primeiro deles é a *associação* de ideias, ou o princípio pelo qual nós realizamos /134/ uma fácil transição de uma ideia para outra. Por mais incertos e inconstantes que possam ser nossos pensamentos, eles não mudam totalmente sem regra e método. Eles costumam passar com regularidade de um objeto para o que se lhe assemelha, é contíguo, ou produzido por ele*. Quando uma ideia se apresenta à imaginação, alguma outra, unida por essas relações, naturalmente a acompanha, e aparece com mais facilidade por meio dessa introdução.

A *segunda* propriedade que se deve observar na mente humana é uma similar associação de impressões ou emoções. Todas as impressões *semelhantes* estão ligadas entre si, e assim que nasce uma, as demais se seguem naturalmente. A tristeza e a frustração dão lugar à raiva, a raiva à inveja, a inveja à maldade, e a maldade de novo à tristeza. Da mesma forma, o nosso temperamento, quando exaltado pela alegria, inclina-se

* *Investigação sobre o entendimento humano*, Seção III, Da associação de ideias.

naturalmente para o amor, a generosidade, a coragem, o orgulho e outros afetos semelhantes.

Em *terceiro* lugar, observa-se que esses dois tipos de associação auxiliam-se e /135/ favorecem-se mutuamente, e que a transição se realiza mais facilmente quando ambos coincidem no mesmo objeto. Assim, um homem que, devido a um insulto recebido de outro, se encontra com o ânimo muito alterado e irritado, é propenso a encontrar uma centena de motivos de ódio, descontentamento, impaciência, medo e outras paixões desagradáveis, especialmente se ele puder descobrir estes motivos na pessoa ou perto da pessoa que era o objeto da primeira emoção. Aqueles princípios que favorecem a transição de ideias, concorrem aqui com aqueles que operam sobre as paixões, e ambos, unidos numa ação, proporcionam à mente um duplo impulso.

Sobre esta circunstância posso citar uma passagem de um escritor elegante, que se expressa da seguinte maneira: * “Da mesma maneira que a imaginação se deleita com qualquer coisa que seja grande, rara, ou maravilhosa, e se satisfaz ainda mais à medida que descobre essas perfeições no *mesmo* objeto, ela é capaz de receber nova satisfação pela concorrência de um outro sentido. Desse modo, qualquer som contínuo, como o canto dos pássaros, ou uma queda d’água, desperta em todo /136/ momento a mente do espectador e torna-o mais atento às diversas belezas do lugar que se estende diante dele. Assim, se surge uma fragrância de aromas e perfumes, estes aumentam o prazer da imaginação, e inclusive fazem as cores e o verdor da paisagem parecer mais agradáveis, pois as ideias de ambos os sentidos se favorecem umas às outras, e são bem mais agradáveis juntas do que quando entram na mente separadamente. Da mesma maneira, as diferentes cores de uma pintura, quando estão bem dispostas, realçam umas às outras, e recebem uma beleza adicional proveniente da vantagem da situação. Nestes fenômenos podemos observar a associação tanto de impressões como de ideias, bem como a assistência mútua que essas associações prestam umas às outras.

4. Parece-me que estas duas espécies de relação têm lugar na produção do *orgulho* e da *humildade*, e que são as causas reais e eficientes da paixão.

* ADDISON, *Spectator*, No. 412.

Com respeito à primeira relação, a da ideias, não pode haver nenhuma dúvida. Qualquer coisa da qual tenhamos orgulho deve de alguma maneira nos /137/ pertencer. Sempre é *nosso* conhecimento, *nostra* inteligência, beleza, posses, família, aquilo a partir do qual nos valorizamos. O “eu”, que é o *objeto* da paixão, deve além disso estar relacionado com essa qualidade ou circunstância, que *causa* a paixão. Deve haver entre eles uma conexão, uma fácil transição da imaginação, ou uma certa facilidade na concepção ao passar de um para a outra. Quando não há esta conexão, nenhum objeto pode suscitar orgulho ou humildade, e quanto mais fraca for a conexão, mais fraca será a paixão.

5. O único tema de investigação é se existe uma similar relação das impressões ou sentimentos cada vez que se sente orgulho ou humildade; se a circunstância que causa a paixão desperta previamente um sentimento similar à paixão e se há uma transição fácil de um para a outra.

A emoção ou sentimento de orgulho é agradável, a de humildade, desagradável. Por conseguinte, uma sensação agradável está relacionada com a primeira, e uma desagradável com a última. E se descobrirmos, depois de um exame, que todo objeto que provoca orgulho, /138/ provoca também um prazer distinto, e que todo objeto que causa humildade, suscita da mesma maneira um desgosto distinto, deveremos conceder, nesse caso, que a presente teoria se encontra totalmente comprovada e verificada. A dupla relação de ideias e sentimentos será reconhecida como incontestável.

6. Começaremos com o mérito e demérito pessoal, as causas mais evidentes dessas paixões. Seria totalmente estranho ao nosso presente objetivo examinar o fundamento das distinções morais. É suficiente observar que a teoria precedente a respeito da origem das paixões pode ser defendida em qualquer hipótese. O sistema mais plausível que tem sido proposto para explicar a diferença entre vício e virtude é que, quer por uma constituição originária da natureza, quer por um sentido de interesse público ou privado, a mera visão ou contemplação de determinados caracteres produz desgosto, e a de outros, da mesma maneira, produz prazer. O desgosto e a satisfação produzidos no espectador são essenciais para o vício e a virtude. Aprovar um caráter é sentir um agrado diante de seu aparecimento. Desaprová-lo é sentir /139/ um desgosto. Por conseguinte, a dor e o prazer, ao ser de alguma maneira a principal fonte da censura ou do louvor, devem ser também a causa de todos os seus efeitos, e,

conseqüentemente, a causa do orgulho e da humildade, que são os acompanhantes inevitáveis dessa distinção.

Mas supondo que esta teoria da moral não seja aceita, é contudo evidente que a dor e o prazer, se não são as fontes das distinções morais, são de qualquer forma inseparáveis delas. Um caráter nobre e generoso proporciona uma satisfação inclusive numa visão geral, e quando apresenta-se a nós, ainda que seja apenas num poema ou numa fábula, nunca deixa de nos encantar e deleitar. Por outro lado, a crueldade e a deslealdade desagradam por sua própria natureza; e é impossível que nos reconciliemos com essas qualidades, quer estejam em nós mesmos, quer nos outros. A virtude, por conseguinte, produz sempre um prazer distinto do orgulho ou auto-satisfação que a acompanham. O vício, um desgosto distinto da humildade ou do remorso.

Mas um conceito elevado ou baixo de nós mesmos não nasce só dessas qualidades da mente que, de acordo com os sistemas de ética comuns, tem sido definidas como elementos do dever moral, senão de qualquer /140/ outra que tem uma conexão com o prazer ou desprazer. Nada satisfaz mais a nossa vaidade do que o dom de agradar com o nosso engenho, bom humor, ou qualquer outro talento, e nada produz maior mortificação do que uma frustração em qualquer tentativa desse tipo. Ninguém jamais foi capaz de dizer com precisão o que é o *engenho*, nem mostrou por que tal sistema de pensamento deve ser incluído sob essa denominação, e tal outro não. Só pelo gosto podemos decidir sobre isso e não possuímos nenhum outro critério pelo qual possamos formar um juízo dessa natureza. Mas, o que é esse *gosto* do qual, de alguma maneira, o verdadeiro e o falso engenho recebem seu ser, e sem o qual nenhum pensamento tem direito a qualquer uma destas denominações? É simplesmente uma sensação de prazer proveniente do verdadeiro engenho, e de desgosto proveniente do falso, sem que possamos dizer as razões dessa satisfação ou desgosto. O poder de suscitar essas sensações opostas é, portanto, a própria essência do verdadeiro ou falso engenho, e, conseqüentemente, a causa dessa vaidade ou mortificação que nasce de um ou de outro.

/141/ 7. A beleza de todos os tipos nos proporciona um peculiar deleite e satisfação, da mesma maneira como a deformidade produz desgosto, qualquer que seja o objeto em que possa encontra-se, quer seja

observada num objeto animado ou inanimado. Se a beleza ou a deformidade pertencem ao nosso próprio rosto, figura ou pessoa, esse prazer ou desgosto se converte em orgulho ou humildade, pois tem neste caso todas as circunstâncias necessárias para produzir uma transição perfeita, de acordo com a presente teoria.

Parece que a verdadeira essência da beleza consiste em seu poder de produzir prazer. Todos os seus efeitos, portanto, devem originar-se desta circunstância. E se a beleza é tão universalmente motivo de vaidade, deve-se apenas ao fato de ser causa de prazer.

A respeito de todas as outras qualidades corporais, podemos observar em geral que tudo o que em nós é útil, belo, ou surpreendente, é objeto de orgulho; e o contrário, de humildade. Estas qualidades coincidem na produção de um prazer distinto, e não coincidem em nada mais.

/142/ Temos orgulho das aventuras surpreendentes pelas quais passamos, das fugas que realizamos, dos perigos aos quais estivemos expostos, bem como dos nossos feitos surpreendentes de vigor e ação. Daí a origem das mentiras comuns, quando os homens, sem interesse algum, e simplesmente por vaidade, reúnem uma série de acontecimentos extraordinários, que são ficções de sua mente, ou, se são verdadeiros, não têm nenhuma conexão com eles. Sua fecunda faculdade inventiva lhes proporciona uma variedade de aventuras, e quando lhes falta este talento, se apropriam das que pertencem aos demais, a fim de satisfazer a sua vaidade. Pois entre esta paixão e o sentimento de prazer, há sempre uma estreita conexão.

8. Mas, embora o orgulho e a humildade tenham como suas causas naturais e mais imediatas as qualidades de nossa mente e de nosso corpo, isto é, do “eu”, descobrimos por experiência que muitos outros objetos produzem esses afetos. Encontramos vaidade a respeito de casas, jardins, carruagens e outros objetos externos, assim como a respeito do mérito e talentos pessoais. Isso ocorre quando os objetos externos adquirem alguma relação particular com nós, /143/ e estão associados ou ligados a nós. Um belo peixe no oceano, um animal bem proporcionado numa floresta, e, na verdade, qualquer coisa que não nos pertence nem tem relação conosco, não tem nenhum tipo de influência sobre a nossa vaidade, independentemente das qualidades extraordinárias de que possam ser dotados, e por maior que seja o grau de surpresa e admiração que possam naturalmente ocasionar.

Eles devem estar de algum modo ligados a nós para afetar o nosso orgulho. Sua ideia deve, de alguma maneira, depender da ideia de nós mesmos, e a transição de uma para a outra deve ser fácil e natural.

Os homens tem orgulho da beleza do *seu* país, do *seu* condado, ou inclusive de *sua* paróquia. Aqui a ideia de beleza claramente produz um prazer. Este prazer está relacionado ao orgulho. O objeto ou causa desse prazer está, por suposição, relacionado ao “eu”, o objeto de orgulho. Por essa dupla relação de sentimentos e ideias se produz uma transição de um para o outro.

Os homens também tem orgulho da agradável temperatura do clima no qual nasceram; da fertilidade de sua terra natal; da boa qualidade dos vinhos, das frutas, ou dos alimentos, produzidos por ela; da suavidade ou vigor de sua linguagem, entre /144/ outras particularidades dessa espécie. Esses objetos têm claramente uma referência aos prazeres dos sentidos, e são considerados originalmente como agradáveis ao tato, ao paladar, ou ao ouvido. Como poderiam tornar-se causa de orgulho a não ser por meio dessa transição acima explicada?

Há alguns que revelam uma vaidade de um tipo oposto, e afetam depreciar seu próprio país, comparando-o com aqueles para onde viajaram. Essas pessoas acham, quando estão em seu próprio país, e cercadas por seus compatriotas, que a relação estreita entre eles e sua própria nação, compartilhada por muitos, está de alguma maneira perdida para eles, ao passo que, a relação distante com um país estrangeiro, que nasceu por eles o terem visitado e vivido nele, aumenta pela consideração de quão poucos fizeram o mesmo. Por esta razão, eles sempre admiram a beleza, a utilidade e a raridade do que eles encontraram no exterior, mais do que o que eles encontram em casa.

Uma vez que podemos ter orgulho de um país, de um clima ou de qualquer objeto inanimado que tem uma relação conosco, não é de admirar que tenhamos orgulho das qualidades daqueles que estão relacionados conosco por /145/ laços de sangue ou de amizade. De acordo com isso, descobrimos que qualquer qualidade que, quando pertence a nós mesmos, produz orgulho, produz também, em menor grau, o mesmo afeto quando é descoberta nas pessoas que se relacionam conosco. A beleza, maneiras, mérito, reputação e honras de seus parentes são cuidadosamente exibidos pelo orgulhoso, e são fontes importantes de sua vaidade.

Como nos orgulhamos das riquezas que temos, desejamos, a fim de satisfazer nossa vaidade, que todas aquelas pessoas que tem alguma relação conosco igualmente as possuam, e nos envergonhamos delas quando, entre nossos amigos e parentes, elas são humildes ou pobres. Como consideramos que nossos antepassados são nossos parentes mais próximos, presumimos naturalmente ser de uma boa família e descendentes de uma longa sucessão de antepassados ricos e honrados.

Aqueles que se vangloriam da antiguidade de suas famílias alegrem-se quando podem unir a esta circunstância a de que os seus antepassados, durante muitas gerações, foram proprietários permanentes das *mesmas* terras, e que sua família nunca mudou de propriedade ou para algum outro condado ou província. É um motivo /146/ adicional de vaidade quando eles podem se orgulhar de que esses bens foram transmitidos por herança a seus descendentes, compostos inteiramente de homens, e que os títulos e propriedades nunca passaram pelas mãos de alguma mulher. Esforçar-me-ei para explicar esse fenômeno a partir da teoria precedente.

Quando alguém atribui grande valor a si mesmo com base na antiguidade da sua família, o motivo de sua vaidade não é apenas a extensão do tempo e o número de ancestrais (pois a este respeito todos os homens são iguais), mas essas circunstâncias, unidas à riqueza e o prestígio de seus antepassados, que se supõe que dão brilho a alguém devido a sua ligação com eles. Por conseguinte, uma vez que a paixão depende da conexão, tudo aquilo que fortalece a conexão também deve aumentar a paixão, e tudo aquilo que enfraquece a conexão deve diminuir a paixão. Mas é evidente que a igualdade das posses deve fortalecer a relação de ideias que nasce das relações sanguíneas e de parentesco, e transportar a imaginação com maior facilidade de uma geração para outra; desde os mais remotos antepassados até seus descendentes, que são tanto seus herdeiros como seus descendentes. Graças a este mecanismo o sentimento é transmitido mais completo e desperta um maior grau de orgulho e vaidade.

/147/ A mesma coisa acontece com a transmissão dos títulos e propriedades, através de uma sucessão de homens, sem passar pelas mãos de nenhuma mulher. É uma qualidade manifesta da natureza humana que a imaginação se dirige naturalmente para tudo o que é importante e digno de consideração, e quando dois objetos são apresentados, um pequeno e um grande, ela normalmente deixa o primeiro e se detém inteiramente no

segundo. Esta é a razão pela qual as crianças geralmente levam o nome de seu pai e são consideradas de cunho mais nobre ou mais humilde de acordo com a *sua* família. E, ainda que a mãe fosse dotada de qualidades superiores às do pai, como muitas vezes acontece, prevalecerá a *regra geral*, não obstante a exceção, de acordo com a doutrina, que será explicada mais adiante. Não somente isso mas inclusive quando uma superioridade de alguma espécie é muito grande, ou quando qualquer outra causa têm tal efeito, que faz com que as crianças representem mais a família da mãe que a do pai, a regra geral ainda mantém uma eficácia suficiente para enfraquecer a relação e provocar uma espécie de quebra na linhagem de ancestrais. A imaginação não os segue com a mesma facilidade, nem é capaz de transferir a reputação e o prestígio dos antepassados aos seus descendentes de mesmo nome e família com a mesma facilidade como quando a /148/ transição está de acordo com a regra geral e passa pela linhagem masculina, de pai para filho, ou de irmão para irmão.

9. Mas a *propriedade*, na medida em que dá o máximo poder e autoridade sobre qualquer objeto, é a relação que tem maior influência sobre essas paixões*.

Tudo que pertence a um homem vaidoso é o melhor que pode encontrar-se. Suas casas, carruagens, móveis, roupas, cavalos, cães, se sobressaem a todos os outros em seu conceito; e é fácil observar que, a partir da menor vantagem em qualquer dessas coisas ele extrai um novo motivo de orgulho e vaidade. Seu vinho, a acreditar no que ele diz, tem um sabor mais

* Que a propriedade é uma espécie de relação que produz uma conexão entre a pessoa e o objeto é evidente. A imaginação passa de maneira natural e facilmente da consideração de um campo para o da pessoa a quem ele pertence. Pode-se apenas perguntar, como esta relação pode resolver-se numa alguma destas três, isto é, *causação*, *contigüidade* e *semelhança*, que afirmamos que são os únicos princípios de conexão entre as ideias. Ser o proprietário de alguma coisa é ser a única pessoa que, pelas leis da sociedade, tem direito de dispor dela, e usufruir de seus benefícios. Este direito tem ao menos a tendência a estimular a pessoa a exercê-lo, e de fato comumente proporciona-lhe esta vantagem. Pois os direitos que não têm qualquer influência, e nunca são exercidos, não são direitos de modo algum. Agora, uma pessoa que dispõe de um objeto, e obtém benefícios dele, produz ou pode produzir efeitos sobre ele ou é afetado por ele. Por conseguinte, a propriedade é uma espécie de *causação*. Ela permite que a pessoa produza alterações no objeto, e supõe que sua condição é melhorada e alterada por ele. Na verdade, esta é a relação mais interessante de todas, e ocorre com maior freqüência para a mente. [Esta nota foi acrescentada na Edição N.]

fino que qualquer outro; sua culinária é mais requintada; sua mesa, mais organizada; seus criados, mais hábeis; a ar em que ele vive, mais saudável; o solo que cultiva, mais fértil; seus frutos amadurecem mais cedo, e de forma mais perfeita; tal coisa é notável por sua novidade; tal outra, por sua antiguidade; esta é a obra de um artista famoso; aquela pertenceu outrora a um certo príncipe ou homem importante. Em suma, todos os objetos /149/ úteis, belos ou surpreendentes, ou que estão relacionados com estes podem dar origem a essa paixão por meio da propriedade. Todos eles coincidem em que dão prazer. Só isto é comum a eles, e, portanto, deve ser a qualidade que produz a paixão, que é o seu efeito comum. Como todo novo exemplo constitui um novo argumento a favor, e aqui os exemplos são inumeráveis, parece que esta teoria está suficientemente confirmada pela experiência.

A riqueza implica o poder de adquirir tudo aquilo que é agradável, e como ela inclui muitos objetos particulares de vaidade, constitui necessariamente uma das principais causas dessa paixão.

10. Nossas opiniões de todos os tipos são fortemente influenciadas pela sociedade e pela simpatia, e é quase impossível sustentarmos qualquer princípio ou sentimento contra o consentimento universal de todos aqueles com quem temos alguma amizade ou correspondência. Mas de todas as nossas opiniões, aquelas que formamos em nosso favor, por mais elevadas ou presunçosas que sejam, são, na realidade, as mais frágeis e as mais facilmente abaladas pela contradição /150/ e oposição dos outros. Neste caso, nossa grande preocupação logo nos alarma e mantém nossas paixões vigilantes. Nossa consciência da parcialidade nos faz temer um erro, e a grande dificuldade de julgar um objeto que nunca se situa a uma devida distância de nós, nem é visto de um ponto de vista adequado, faz-nos ouvir ansiosamente as opiniões dos outros, que são mais qualificados para emitir opiniões justas a nosso respeito. Daí esse grande desejo de fama que todos os homens possuem. Buscam os aplausos dos outros para estabelecer e confirmar a opinião favorável sobre si próprios, não por causa de alguma paixão original. E quando um homem deseja ser elogiado é pela mesma razão pela qual uma mulher bela se satisfaz contemplando-se num espelho favorável, e vendo o reflexo de seus próprios encantos.

Embora em todas as questões especulativas seja difícil distinguir uma causa que aumenta um efeito de uma que apenas o produz, contudo,

no presente caso, os fenômenos parecem muito fortes e satisfatórios na confirmação do princípio precedente.

/151/ Obtemos muito mais satisfação com a aprovação daqueles a quem nós mesmos estimamos e aprovamos do que com a daqueles a quem nós desdenhamos e desprezamos.

Quando se obtém reconhecimento após uma longa convivência íntima, isso satisfaz a nossa vaidade de uma maneira peculiar.

A aprovação daqueles que são reservados e relutantes em fazer elogios, quando podemos obtê-la em nosso favor, é acompanhada de um prazer e gozo adicional.

Quando um grande homem é cuidadoso na escolha de seus favoritos, todos procuraram com uma maior ardor sua graça e proteção.

O elogio nunca nos proporciona muito prazer, a menos que coincida com a nossa própria opinião e nos exalte por causa daquelas qualidades pelas quais nos sobressaimos.

Estes fenômenos parecem provar que as opiniões favoráveis do público são consideradas só como autorizações ou como confirmações de nossa própria opinião. E se as opiniões dos outros têm mais influência nesta matéria do que em qualquer outra, isso se /152/ explica facilmente pela natureza do assunto.

11. Assim, poucos objetos, por mais relacionados conosco, e seja qual for o prazer que eles produzem, são capazes de suscitar um alto grau de orgulho e auto-satisfação; a não ser que sejam também manifestos para os outros, e alcancem a aprovação dos espectadores. Que disposição de ânimo é tão desejável como o contentamento calmo e resignado, que prontamente se submete a todos os desígnios da providência e preserva uma constante serenidade entre as maiores desgraças e desilusões? Contudo, esta disposição, ainda que se reconheça que é uma virtude ou excelência, raramente constitui o fundamento de uma grande vaidade ou auto-elógio. Ela não possui nenhum brilho ou esplendor exterior, e alegra mais o coração do que anima o comportamento e a conversação. O mesmo ocorre com muitas outras qualidades da mente, corpo, ou fortuna, e deve-se considerar que esta circunstância, bem como a dupla relação acima mencionada, tem importância para a produção destas paixões.

Uma segunda circunstância que tem importância neste caso é a constância e durabilidade /153/ do objeto. O que é muito irregular e

inconstante, e está fora do curso normal das coisas humanas, proporciona pouca alegria, e menos orgulho. Não ficamos muito satisfeitos com a coisa em si mesma, e somos todavia menos capazes de sentir algum grau novo de auto-satisfação por sua causa. Prevemos e antecipamos a sua mudança, o que nos torna pouco satisfeitos com a própria coisa. Nós a comparamos com nós mesmos, cuja existência é mais duradoura, por meio do que sua inconstância parece ainda maior. Parece ridículo nos convertermos no objeto de uma paixão por causa de uma qualidade ou posse que tem uma duração muito curta e que nos acompanha durante uma parte tão breve de nossa existência.

Uma terceira circunstância, que não deve ser negligenciada, é que os objetos, a fim de produzir orgulho ou autoapreço, devem ser exclusivamente nossos ou pelo menos comuns a nós e a poucos. As vantagens da luz do sol, do tempo bom, de um clima agradável, etc. não nos distinguem de nenhum dos nossos companheiros, nem nos dão nenhuma preferência ou superioridade. A comparação, que a todo momento estamos dispostos a fazer, não apresenta nenhuma inferência em nosso favor, e ainda permanecemos, não obstante essas /154/ posses, no mesmo nível que todos os nossos amigos e conhecidos.

Como a saúde e a doença variam incessantemente em todos os homens, e não há ninguém que permaneça de maneira única e segura em uma das duas, essas bênçãos e calamidades acidentais são de alguma maneira independentes de nós, e não são consideradas como um motivo de vaidade ou humilhação. Mas sempre que uma doença de alguma espécie está tão enraizada em nossa constituição, que já não nutrimos qualquer esperança de recuperação, a partir desse momento ela amortece o nosso orgulho, como é evidente em homens idosos, a quem nada mortifica mais que a consideração de sua idade e enfermidades. Eles se esforçam por ocultar tanto quanto possível sua cegueira e surdez, seus reumatismos e gota; e só os confessam com relutância e com desagrado. E embora os jovens não tenham vergonha de cada dor de cabeça ou resfriado que têm, contudo, nenhum assunto é mais adequado para mortificar o orgulho humano, e fazer-nos nutrir uma opinião ruim de nossa natureza, do que o de que estamos a cada momento de nossas vidas sujeitos a essas enfermidades. Isso prova que as dores físicas e as doenças são, em si mesmas, causas próprias de humildade, embora o costume de julgar as coisas por comparação mais que por seu mérito e

/155/ valor intrínseco, nos faça esquecer essas calamidades que descobrimos que ocorrem a todos, e nos leva a formar uma ideia de nosso mérito e caráter, independente delas.

Temos vergonha das doenças que afetam os outros e são perigosas ou desagradáveis a eles. Da epilepsia, porque ocasiona horror a todos os presentes. Da sarna, porque é contagiosa. Da escrófula, porque muitas vezes passa para os descendentes. Os homens sempre consideram os sentimentos dos outros em seus juízos sobre si mesmos.

Uma quarta circunstância, que tem uma influência sobre essas paixões, é a das *regras gerais* através das quais formamos uma noção das diferentes classes de homens, de acordo com o poder ou a riqueza que eles possuem; e esta noção não é modificada por nenhuma peculiaridade de saúde ou temperamento das pessoas que podem privá-las de todo o gozo de suas posses. O costume facilmente nos transporta para além dos limites razoáveis de nossas paixões, bem como de nossos raciocínios.

Não seria inoportuno observar neste momento que a influência das regras e máximas /156/ gerais sobre as paixões contribui muito para facilitar os efeitos de todos os princípios ou mecanismos internos que explicamos aqui. Pois parece evidente que, se uma pessoa adulta, e da mesma natureza que a nossa, fosse transportada repentinamente para o nosso mundo, ela se sentiria muito desconcertada com cada objeto, e não determinaria com rapidez que grau de amor ou ódio, de orgulho ou humildade, ou de qualquer outra paixão, deveria ser despertado pelo objeto em questão. As paixões muitas vezes são alteradas por princípios insignificantes, e estes nem sempre atuam com perfeita regularidade, especialmente na primeira tentativa. Mas quando o costume ou a prática tiver trazido à luz todos esses princípios, e estabelecido o valor justo de cada coisa, isto deve contribuir, certamente, para a fácil produção das paixões, e deve guiar-nos, por meio de regras gerais estabelecidas, a propósito das proporções que devemos observar ao preferir um objeto a outro. Essa observação talvez possa servir para evitar dificuldades que surgem sobre algumas causas que temos atribuído às paixões particulares e que podem ser consideradas muito sofisticadas para funcionar de forma universal e, certamente, como achamos que o fazem.

Seção 3

/157/ 1. Ao tratar todas as causas que produzem a paixão de orgulho ou de humildade, poderia facilmente ocorrer que a mesma circunstância, se a transferimos de nós mesmos para outra pessoa, transforme esta em objeto de amor ou ódio, estima ou desprezo. A virtude, o gênio, a beleza, a família, as riquezas e o poder dos outros geram sentimentos favoráveis a seu favor, e seus vícios, loucura, deformidade, pobreza e humildade despertam os sentimentos contrários. A dupla relação de impressões e ideias segue operando sobre essas paixões de amor e ódio, como na anterior de orgulho e humildade. Tudo aquilo que proporciona um prazer ou uma dor distinta, e que está relacionado com outra pessoa ou conectado com ela, converte-se em objeto de nossa afeição ou aversão.

Daí também que a ofensa ou o desprezo em relação a nós seja uma das maiores fontes de ódio, e os favores ou o apreço, de amizade.

/158/ 2. Algumas vezes uma relação conosco suscita afeição por outra pessoa. Mas aqui sempre se encontra implícita uma relação de sentimentos, sem a qual a outra relação não teria nenhuma influência².

Uma pessoa que se relaciona ou está conectada conosco pelo sangue, pela semelhança de fortuna, de aventuras, profissão, ou país, converte-se logo numa companhia agradável para nós, porque penetramos com facilidade e de maneira familiar em seus sentimentos e ideias. Nada nos é estranho ou novo. A nossa imaginação, ao passar pelo “eu”, que nos é sempre intimamente presente, recorre suavemente à relação ou conexão, e concebe com uma simpatia plena a pessoa, que se relaciona de perto com o “eu”. Ela se torna imediatamente aceitável, e ao mesmo tempo se encontra em boas relações conosco. Não existe nenhum receio, nenhuma reserva, quando se supõe que a pessoa que se apresenta está tão intimamente conectada conosco.

A relação tem aqui a mesma influência na produção do afeto que o costume ou a familiaridade, ou /159/ outras causas semelhantes. A facilidade e satisfação que, em ambos os casos, acompanham as nossas relações e comércio, é a fonte da amizade.

3. As paixões do amor e ódio sempre são seguidas pela benevolência e pela raiva, ou melhor, encontram-se conjugadas com estas. É esta conjugação o que distingue principalmente esses afetos do orgulho e da

² A afeição dos pais pelos filhos parece fundada num instinto originário. A afeição por outros parentes depende dos princípios aqui explicados.

humildade. Pois o orgulho e a humildade são emoções puras da alma, desacompanhadas de qualquer desejo, e que não nos incitam imediatamente à ação. Mas o amor e o ódio não são completos em si mesmos, nem se detêm nesta emoção que produzem, senão que levam a mente a algo mais. O amor é seguido sempre de um desejo de felicidade da pessoa amada, e uma aversão à sua miséria. Do mesmo modo, o ódio produz um desejo de miséria da pessoa odiada, e uma aversão à sua felicidade. Estes desejos opostos parecem estar originariamente e primariamente unidos às paixões do amor e do ódio. Trata-se de uma constituição da natureza, da qual não podemos dar nenhuma explicação adicional.

/160/ 4. A compaixão aparece frequentemente onde não há nenhuma estima ou amizade anterior, e a compaixão é um malestar diante dos sofrimentos do outro. Ela parece nascer da concepção profunda e intensa de seus sofrimentos, e nossa imaginação procede por graus, desde a ideia mais vívida até o sentimento real da miséria do outro.

A maldade e a inveja também surgem na mente sem qualquer ódio ou ofensas prévios, embora sua tendência seja exatamente a mesma que a da raiva e do rancor. Nossa comparação com os outros parece ser a fonte da inveja e da maldade. Quanto mais infeliz é o outro, mais felizes aparecemos em nosso próprio conceito.

5. A tendência similar da compaixão e da benevolência, e da inveja e da raiva, estabelecem uma relação muito estreita entre estes dois conjuntos de paixões, embora de uma espécie diferente daquela sobre a qual insistimos acima. Não é uma semelhança de sensação ou sentimento, mas uma semelhança de tendência ou direção. Contudo, seu efeito é o mesmo ao produzir uma associação de paixões. A compaixão /161/ raramente ou nunca é sentida sem alguma mistura de ternura ou de amizade, e a inveja é naturalmente acompanhada pela raiva ou pelo rancor. Desejar a felicidade do outro, seja pelo motivo que for, é um bom preparativo para a afeição, e comprazer-se com a miséria do outro quase que inevitavelmente engendra aversão por ele.

Mesmo quando o interesse é a fonte das nossas preocupações, ele comumente é acompanhado das mesmas conseqüências. Um sócio é um objeto natural de amizade; um concorrente, de inimizade.

6. A pobreza, a humildade e o fracasso, produzem desprezo e desagrado. Mas quando esses infortúnios são muito grandes, ou nos são

representados em cores muito vivas, despertam compaixão, ternura, e amizade. Como se pode explicar esta contradição? A pobreza e a humildade do outro, em seu aspecto comum, nos proporcionam desgosto por uma espécie de simpatia imperfeita, e esse desgosto produz aversão ou desgosto, a partir da semelhança dos sentimentos. Mas quando penetramos de maneira mais íntima nos interesses do outro, e desejamos sua felicidade tanto como sentimos a sua /162/ miséria, surgem a amizade ou a benevolência a partir da similar tendência das inclinações.

[Um homem arruinado, a princípio, enquanto a ideia de sua desgraça é nova e recente, e enquanto a comparação de sua infeliz situação presente com sua prosperidade anterior atua com força sobre nós, encontra compaixão e amizade. Depois que essas ideias se debilitam ou se apagam com o tempo, ele está em perigo de ser compadecido e desprezado]³.

7. No respeito há uma mistura de humildade com estima ou afeição. No desprezo uma mistura de orgulho.

A paixão amorosa é composta normalmente de uma complacência na beleza, um desejo físico, e de amizade ou afeição. A estreita relação desses sentimentos é muito óbvia, tanto como a origem de uns a partir de outros por meio dessa relação. Se não houvesse nenhum outro fenômeno para nos convencer da presente teoria, parece-me que só este já seria suficiente.

Seção 4

/163/ 1. A presente teoria das paixões depende inteiramente da dupla relação de sentimentos e ideias, e da assistência recíproca que essas relações prestam umas às outras. Por conseguinte, pode não ser inoportuno ilustrar estes princípios com mais alguns exemplos.

2. As virtudes, os talentos, os dotes e as propriedades dos outros, nos fazem amá-los e estimá-los. Porque estes objetos produzem uma sensação agradável, que está relacionada com o amor, e, como eles têm também uma relação ou conexão com a pessoa, esta união de ideias favorece a união de sentimentos, de acordo com o raciocínio precedente.

Mas suponhamos que a pessoa a quem amamos também se relaciona conosco pelo sangue, país, ou amizade. É evidente que uma espécie de orgulho deverá ser despertada por seus dotes e propriedades,

³ Este parágrafo foi acrescentado na Edição R.

havendo assim a mesma dupla relação, sobre a qual temos todo o tempo insistido. A pessoa relaciona-se conosco, ou há /164/ uma fácil transição de pensamento dela para nós, e os sentimentos provocados por suas vantagens e virtudes são agradáveis e, conseqüentemente, relacionados com o orgulho. De acordo com isso, descobrimos que as pessoas naturalmente se orgulham das boas qualidades ou grande fortuna de seus amigos e conterrâneos.

3. Mas observa-se que, se invertermos a ordem das paixões, não se segue o mesmo efeito. Passamos facilmente do amor e do afeto para o orgulho e a vaidade, mas não das últimas paixões para as primeiras, embora todas as relações sejam as mesmas. Nós não amamos aqueles que têm relação conosco por causa de nossos próprios méritos, embora eles naturalmente tenham orgulho de nossos méritos. Qual é a razão desta diferença? A transição da imaginação para nós mesmos, a partir de objetos relacionados conosco, é sempre fácil, não só por causa da relação, que facilita a transição, senão também porque passamos de objetos mais remotos para aqueles que são contíguos. Mas ao passar de nós mesmos para os objetos relacionados conosco, embora o primeiro princípio favoreça a transição do pensamento, o último, contudo, se opõe a ela, e, conseqüentemente, não há a mesma transição /165/ fácil das paixões de orgulho para a do amor como a do amor para a de orgulho.

4. As virtudes, os préstimos e a fortuna de um homem nos inspiram facilmente estima e afeição por outra pessoa que se relaciona com ele. O filho do nosso amigo obtém, naturalmente, direito a nossa amizade. Os parentes de um homem importante aumentam de apreço a seus próprios olhos, e são valorizados pelos demais, devido a essa relação. A força da dupla relação se mostra aqui de forma muito clara.

5. Os exemplos seguintes são de outro tipo, em que a operação desses princípios pode, não obstante, ser descoberta. A inveja nasce de uma superioridade nos outros. Todavia, observa-se que não é a grande desproporção entre nós o que desperta esta paixão, mas, pelo contrário, a nossa proximidade. Uma grande desproporção interrompe a relação das ideias, e impede de nos compararmos com o que está distante de nós, ou diminui os efeitos da comparação.

Um poeta não pode invejar um filósofo, ou um poeta de um genero diferente, ou de uma nação /166/ e épocas diferentes. Todas essas

diferenças, se elas não impedem, ao menos enfraquecem a comparação e, consequentemente, a paixão.

Esta é também a razão pela qual todos os objetos parecem grandes ou pequenos, simplesmente por comparação com os da mesma espécie. Uma montanha nunca aumenta nem diminui um cavalo a nossos olhos. Mas quando um cavalo FLAMENGO e um GALÊS são vistos juntos, um parece maior e o outro menor do que quando vistos separados.

A partir deste mesmo princípio podemos explicar esta observação dos historiadores segundo a qual numa guerra civil todo partido ou inclusive uma divisão sediciosa escolhe sempre recorrer a um inimigo externo com todos os perigos que isso implica ao invés de submeter-se a seus concidadãos. GUICCIARDIN aplica esta observação às guerras na ITÁLIA, onde as relações entre os diferentes estados não eram, propriamente falando, senão de nome, de língua e de contigüidade. Mas inclusive essas relações, quando se unem à superioridade, ao tornar a comparação mais natural, de algum modo a tornam mais dolorosa, e obrigam os homens a buscar alguma outra superioridade, que pode não estar acompanhada de nenhuma relação, e, por esse meio, pode ter menor influência sobre a /167/ imaginação. Quando não podemos romper a associação, sentimos um forte desejo de destruir a superioridade. Esta parece ser a razão pela qual os viajantes, embora geralmente pródigos em elogiar os CHINESES e aos PERSAS, tomam cuidado ao desprezar as nações vizinhas que podem estar em condições de rivalizar com seu país natal.

6. As belas artes nos proporcionam exemplos idênticos. Se um autor compusesse um tratado do qual uma parte fosse grave e profunda, outra alegre e bem-humorada, todos condenariam uma mistura tão estranha e o censurariam por negligenciar todas as regras da arte e da crítica. No entanto, não acusamos *Prior*⁴ por ter reunido seus poemas *Alma* e *Salomão* no mesmo volume, embora este amável poeta tenha sido perfeitamente bem sucedido com a alegria de um tanto como com a melancolia do outro. Mesmo supondo que o leitor lesse atentamente essas duas composições sem qualquer intervalo, ele sentiria pouca ou nenhuma dificuldade na mudança das paixões. Por que senão porque ele considera que essas realizações são

⁴ Matthew Prior (1664-1721), poeta inglês.

totalmente diferentes, e porque essa ruptura de ideias rompe o progresso /168/ dos afetos e impede um de influenciar ou contradizer o outro?

Um desenho heróico e burlesco, unido numa pintura seria monstruoso; contudo, colocamos dois quadros de natureza tão opostos na mesma sala, e inclusive próximos um do outro, sem qualquer escrúpulo.

7. Não é de admirar que a transição fácil da imaginação tenha uma influência tão grande sobre todas as paixões. É esta mesma circunstância a que constitui todas as relações e conexões entre objetos. Não conhecemos nenhuma conexão real entre uma coisa e outra. Sabemos apenas que a ideia de uma coisa está associada com a de outra, e que a imaginação faz uma transição fácil entre elas. E como a transição fácil das ideias e a dos sentimentos assistem-se mutuamente, podemos esperar, de antemão, que este princípio deve ter uma poderosa influência sobre todos os nossos movimentos internos e afetos. E a experiência confirma suficientemente esta teoria.

/169/ Suponhamos, para não repetir todos os exemplos anteriores, que eu estivesse viajando com um companheiro por um país, a respeito do qual somos completamente estranhos. É evidente que se as paisagens são belas, os caminhos agradáveis e os campos perfeitamente cultivados, isto pode servir para me colocar de bom humor comigo mesmo e com o companheiro de viagem. Mas como o país não tem nenhuma conexão comigo ou com meu amigo, nunca pode ser a causa imediata seja de auto-estima ou de consideração em relação a ele, e, por conseguinte, se não encontro a paixão em algum outro objeto que tenha uma relação mais estreita com um de nós, minhas emoções deverão ser consideradas mais como a efusão de uma disposição humana ou elevada que uma paixão estabelecida. Mas suponhamos que a agradável perspectiva diante de nós seja contemplada em seu país ou no meu. Esta nova conexão de ideias proporciona uma nova direção ao sentimento de prazer derivado desta perspectiva e suscita a emoção da estima ou da vaidade, conforme a natureza da conexão. Parece-me que não há aqui muito espaço para dúvidas ou dificuldades.

Seção 5

/170/ 1. Parece evidente que a razão, em sentido estrito, como significando o discernimento da verdade e da falsidade, não pode por si

mesma ser um motivo para a vontade, e não tem nenhuma influência sobre esta senão na medida em que ela toca alguma paixão ou afeto. *Relações abstratas* de ideias são objetos de curiosidade, não de volição. E *questões fato*, caso não sejam sobre o bem e o mal, nem despertam desejo ou aversão, são totalmente indiferentes, e, quer sejam conhecidas ou desconhecidas, quer apreendidas errônea ou corretamente, não podem ser consideradas como motivos para a ação.

2. O que comumente, num sentido popular, é chamado de razão e se recomenda tanto nos discursos morais nada mais é que uma paixão geral e calma, que adota uma visão compreensiva e distante de seu objeto, e influencia a vontade sem despertar qualquer emoção perceptível. Dizemos que um homem é diligente em sua profissão por causa da razão, isto é, por causa de um desejo calmo de riqueza e de fortuna. Um homem adere à justiça por causa da razão, /171/ isto é, por causa de uma calma consideração pelo bem público ou pelo próprio caráter.

3. Os mesmos objetos que se recomendam à razão neste sentido da palavra são também os objetos do que chamamos de paixão, quando eles são trazidos para perto de nós e adquirem algumas outras vantagens, seja pela situação externa, seja pela congruidade com nosso temperamento interno, suscitando por este meio uma emoção turbulenta e perceptível. O mal, a uma grande distância, é evitado, dizemos, pela razão. O mal, quando está próximo, produz aversão, horror, medo, e é objeto de paixão.

4. O erro comum dos metafísicos tem sido o de atribuir a direção da vontade inteiramente a um desses princípios e supor que o outro não tem nenhuma influência. Os homens com frequência agem intencionalmente contra seus interesses. Por conseguinte, não é a perspectiva do maior bem possível que sempre os influencia. Os homens muitas vezes contrariam uma paixão violenta em consideração aos seus interesses e desígnios mais distantes. Portanto, não é só a preocupação presente o que os determina. /172/ Em geral, podemos observar que ambos os princípios influenciam a vontade, e quando são contrários prevalece um deles, de acordo com o caráter geral da pessoa ou de sua disposição no momento. O que chamamos de *força de ânimo* implica o predomínio das paixões calmas sobre as violentas, embora possamos observar facilmente que não há nenhuma pessoa que possua tal virtude de uma maneira tão constante a ponto de nunca se deixar levar pelos desejos e afetos violentos.

Dessas diferenças de temperamento decorre a grande dificuldade de decidir sobre as ações futuras e resoluções dos homens, quando há alguma oposição de motivos e paixões.

Seção 6

/173/ 1. Enumeraremos aqui algumas das circunstâncias que tornam uma paixão calma ou violenta, que aumentam ou diminuem qualquer emoção.

É uma propriedade da natureza humana que qualquer emoção que acompanha uma paixão se converte facilmente nela, embora suas naturezas sejam originalmente diferentes e até mesmo contrárias uma à outra. É verdade que para gerar uma união perfeita entre as paixões e fazer com que uma produza a outra se requer sempre uma dupla relação, de acordo com a teoria acima exposta. Mas quando duas paixões, produzidas por causas distintas, já estão presentes na mente, elas se misturam e se unem rapidamente, ainda que não tenham senão uma relação, e às vezes nenhuma. A paixão predominante sobrepuja a inferior e a converte a ela mesma. Os espíritos, uma vez excitados, facilmente sofrem uma mudança em sua direção e é natural imaginar que essa mudança procede do afeto predominante. Em muitos casos, /174/ a conexão entre duas paixões é mais estreita do que entre uma paixão qualquer e a indiferença.

Quando uma pessoa está sinceramente apaixonada as pequenas faltas e caprichos de sua amada, os ciúmes e as brigas aos quais a relação é tão suscetível, por mais desagradáveis que sejam e por mais ligados que estejam à raiva e ao ódio, em muitos casos, contudo, descobre-se que dão uma força adicional à paixão predominante. É um artifício comum dos políticos, quando querem afetar muito qualquer pessoa com uma questão de fato sobre a qual pretendem lhe informar, primeiro excitarem a sua curiosidade, retardar o máximo possível a sua satisfação, e, por esse meio, aumentar ao máximo a sua ansiedade e impaciência, antes de proporcionarem-lhe uma visão completa sobre o assunto. Eles sabem que a curiosidade causa a paixão que eles pretendem criar e que acompanhara o objeto em sua influência sobre a mente. Um soldado que avança para a batalha é naturalmente inspirado pela coragem e confiança quando pensa em seus amigos e companheiros de armas, e é assaltado pelo medo e pelo terror quando pensa no inimigo. Portanto, seja qual for a emoção nova que

surja do primeiro pensamento, naturalmente aumenta /175/ a coragem, ao passo que a mesma emoção que surge do segundo aumenta o medo. Assim, na disciplina militar, a uniformidade e o brilho do uniforme, a simetria das figuras e dos movimentos, com toda a pompa e majestade da guerra, encoraja a nós mesmos e aos nossos aliados, ao passo que os mesmos objetos no inimigo infundem-nos terror, ainda que em si mesmos sejam agradáveis e belos.

A esperança, em si mesma, é uma paixão agradável e aliada à amizade e benevolência; mas é propícia a explodir em raiva quando é a paixão dominante. *Spes addita Suscitāt iras.* VIRG.⁵

2. Uma vez que as paixões, por mais independentes, se transformam naturalmente umas nas outras se ambas estiverem presentes ao mesmo tempo, segue-se que, quando o bem ou o mal se colocam em situação de causar uma emoção particular além de sua paixão direta de desejo ou aversão, esta última paixão deverá adquirir nova força e violência.

3. Isso ocorre frequentemente quando um objeto desperta paixões contrárias, pois se observa que /176/ uma oposição de paixões geralmente causa uma nova emoção nos espíritos e produz mais desordem que a concorrência de dois afetos de igual força. Essa nova emoção se converte facilmente na paixão predominante e, em muitos casos, observa-se que aumenta sua violência além dos limites a que chegaria caso não tivesse encontrado nenhuma oposição. Por isso, desejamos naturalmente o que é proibido e muitas vezes sentimos prazer em realizar ações simplesmente porque elas são ilegais. A noção de dever, quando contrária às paixões, nem sempre consegue sobrepujá-las, e, quando não logra esse efeito, serve mais para aumentá-las e provocá-las, ao produzir uma oposição em nossos motivos e princípios.

4. O mesmo efeito ocorre quando a oposição surge de motivos internos ou de obstáculos externos. A paixão geralmente adquire nova força em ambos os casos. O esforço que a mente faz para superar o obstáculo excita os espíritos e aviva a paixão.

/177/ 5. A incerteza tem o mesmo efeito que a oposição. A agitação do pensamento, as rápidas mudanças que faz de uma perspectiva para outra, a variedade das paixões que se sucedem umas às outras de acordo com os

⁵ Virgílio, *Eneida* 10, verso 263. “A esperança renovada desperta ira”.

diferentes pontos de vistas, tudo isso produz uma emoção na mente e essa emoção transmuta na paixão predominante.

A segurança, ao contrário, diminui as paixões. A mente, quando é abandonada a si mesma, imediatamente esmorece e, a fim de preservar o seu ardor, deve a cada momento ser reforçada por uma nova torrente de paixão. Pela mesma razão, o desespero, embora contrário a segurança, tem uma influência similar.

6. Nada suscita com mais força um afeto do que ocultar alguma parte do seu objeto, envolvendo-o numa espécie de sombra, ao mesmo tempo em que o revela o suficiente para nos atrair, deixa ainda algum espaço para a imaginação. Além disso, esta obscuridade é sempre acompanhada de uma espécie de incerteza; o esforço que a imaginação faz para /178/ completar a ideia estimula o espírito e proporciona uma força adicional à paixão.

7. Do mesmo modo como o desespero e a segurança, embora contrários, produzem os mesmos efeitos, também se observa que a ausência tem efeitos contrários, e em circunstâncias diferentes tanto pode aumentar como diminuir o nosso afeto. ROCHEFOUCAULT assinalou muito acertadamente que a ausência destrói as paixões fracas, mas aumenta as fortes, do mesmo modo que o vento apaga uma vela, mas alastra um incêndio. Uma longa ausência naturalmente enfraquece as nossas ideias e diminui a paixão, mas quando o afeto é muito forte e vivaz a ponto de sustentar-se, o desagrado, causado pela ausência, aumenta a paixão, e lhe proporciona nova força e influência.

8. Quando a alma se aplica na realização de alguma ação, ou na concepção de algum objeto à qual não está acostumada, há certa inflexibilidade nas faculdades e uma dificuldade nos espíritos para moverem-se em sua nova direção. Quando esta dificuldade excita os espíritos, ela é a fonte de admiração, de surpresa, e de todas as emoções que nascem da novidade, e /179/ é, em si, agradável, como tudo o que aviva a mente até um grau moderado. Mas embora a surpresa seja em si mesma agradável, contudo, no momento em que ela agita os espíritos, não só aumenta os nossos afetos agradáveis, como também os dolorosos, de acordo com o princípio anterior. É por isso que tudo o que é novo nos afeta mais, e nos proporciona mais prazer ou dor do que aquilo que, estritamente falando, naturalmente decorreria do objeto, caso ele já fosse conhecido.

Quando o objeto volta a apresentar-se, a novidade desaparece, a paixão diminui, a inquietação do espírito acaba, e contemplamos o objeto com maior tranqüilidade.

9. A imaginação e os afetos têm uma estreita relação. A vivacidade da primeira fortalece estes últimos. É por isso que a perspectiva de qualquer prazer do qual temos conhecimento nos afeta mais do que qualquer outro prazer, que até pode lhe ser superior, mas de cuja natureza nós somos *completamente* ignorantes. Do primeiro podemos formar uma ideia particular e determinada; o segundo, nós o concebemos sob a noção geral de prazer.

/180/ Qualquer satisfação de que desfrutamos recentemente e que ainda está fresca na memória afeta a vontade com mais violência do que outra cujos vestígios estão apagados e quase destruídos.

Um prazer adequado ao nosso modo de vida excita mais o nosso desejo e apetite do que outro que seja estranho a ele.

Nada é mais apropriado a incutir uma paixão em nossa mente do que a eloqüência, que representa os objetos em suas cores mais fortes e vivas. A mera opinião de outro, especialmente quando acompanhada de paixão, faz com que uma ideia tenha uma influência sobre nós, embora de outro modo essa ideia fosse inteiramente negligenciada.

Observamos que as paixões mais intensas comumente acompanham uma imaginação muito viva. A este respeito, bem como em outros, a força da paixão depende tanto do temperamento da pessoa, como da natureza e situação do objeto.

/181/ O que está distante no tempo ou no espaço não tem a mesma influência do que o que está próximo e contíguo.

* * *

Não pretendo ter esgotado este tema. É suficiente para o meu propósito se demonstrei que, na produção e conduta das paixões, há certo mecanismo regular, que é suscetível de uma investigação tão exata quanto as leis da dinâmica, da óptica, da hidrostática, ou de qualquer parte da filosofia natural.